

ISOLAMENTO E VIOLÊNCIA NA OBRA *PARAÍSO*, DE TATIANA SALEM LEVY

Rafael Zeferino de Souza

(Universidade Estadual de Maringá - UEM)

Mirian Cardoso da Silva

(Universidade Estadual de Maringá - UEM)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Rafael Zeferino de Souza: Doutorando em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Mirian Cardoso da Silva: Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o efeito do isolamento da personagem Ana em sua construção identitária, na obra *Paraíso* (2014), da escritora contemporânea Tatiana Salem Levy. O romance denuncia a violência de gênero a partir da trajetória da protagonista e trata da formação identitária de Ana, que se isola em um sítio para lidar com seus conflitos e dúvidas. A transformação da personagem ocorre a partir do deslocamento da memória, pela qual ela realiza uma trajetória memorialística que forma um cenário de denúncia e questionamento sobre a dor da mulher violentada, expondo o construto social opressor masculino. A pesquisa se baseia nas teorias de Henri Bergson (2006), Paul Ricoeur (2010), Edward Said (2011), Lúcia Zolin (2018), entre outros.

ABSTRACT

This article aims to analyze the effect of the isolation of the character Ana in her identity construction, in the novel *Paraíso* (2014), by the contemporary writer Tatiana Salem Levy. The novel denounces gender violence based on the protagonist's trajectory and deals with Ana's identity formation, who isolates herself in a place to deal with her conflicts and doubts. The transformation of the character occurs from the displacement of memory, through which she performs a memorialist trajectory that forms a scenario of denunciation and questioning about the pain of the raped woman, exposing the oppressive male social construct. The research is based on the theories of Henri Bergson (2006), Paul Ricoeur (2010), Edward Said (2011), Lúcia Zolin (2018), among others.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura contemporânea; Isolamento; Violência

KEY-WORDS

Contemporary literature; Isolation; Violence

INTRODUÇÃO

O romance contemporâneo apresenta múltiplas possibilidades de análises e enfoques interpretativos para leitores/as e estudiosos/as da literatura, pois é cercado de “diálogos que fazem do romance um instrumento de inserção no tempo circundante” conforme afirma Regina Dalcastagnè (2012, p. 77). Por isso, pensar na literatura produzida por mulheres na contemporaneidade implica ponderar um discurso que se oponha aos estereótipos da literatura canônica e altere aqueles valores que, difundidos em determinada época, propiciaram uma produção literária constituída de mulheres submissas, sem voz e sem liberdade.

A literatura contemporânea produzida por mulheres sofreu os impactos das contribuições feministas e rompeu com a estagnação das velhas práticas da hegemonia masculina. Isso implica dizer que essa escrita ganhou corpo e forma na literatura nos últimos séculos, incorporando a perspectiva sociocultural da mulher, sua própria voz, seu estilo, sua linguagem, temáticas, afastando-se dos modelos tradicionais. São obras que apresentam personagens libertárias no tempo e no espaço, abordando temas abrangentes do mundo contemporâneo, mas não menos problemáticos, situando a mulher nesse novo contexto sociocultural.

Na literatura brasileira contemporânea de autoria feminina, as obras retratam questões do cotidiano atual, como as de gênero, de identidade, de violência, de deslocamentos, de más condições de vida, entre outros. As obras representam personagens femininas que ocupam diversos espaços e papéis sociais, que são flagradas em pleno exercício da subjetividade, fazendo escolhas, tomando decisões, vivenciando toda sorte de experiências, não apenas do interior das muralhas domésticas. Assim, “nos textos de autoria feminina geralmente a mulher é representada como elemento partícipe do contexto social, um indivíduo capaz de construir uma vida baseada em princípios particulares” (FONSÊCA, 2011, p. 202).

Tendo em vista essa constatação, este artigo tem como objeto de análise o romance *Paraíso*, da escritora contemporânea Tatiana Salem Levy, publicado em 2014. A obra é exemplar do que aponta Showalter (1994, p. 50) sobre a literatura de autoria feminina: há um “discurso de duas vozes, que personifica sempre as heranças social, literária e cultural, tanto do silenciado quanto do dominante” (SHOWALTER, 1994, p. 50, grifos do autor). Isso pode ser observado em *Paraíso* porque a narrativa evidencia, por meio dos deslocamentos constantes entre as memórias da narradora protagonista, a violência enfrentada pelas personagens femininas, que denunciam o construto social opressor masculino, revelando-se uma narrativa da dor.

PARAÍSO QUE NÃO É PARAÍSO

O irônico título do romance *Paraíso*, publicado em 2014 por Tatiana Salem Levy, desestabiliza o horizonte de expectativa do leitor ao abordar retratos de violência sexual, doméstica e étnica. O papel da memória comparece como parte essencial para a construção de uma narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo (RICOEUR, 2010). A obra problematiza acerca de violências de gênero, ainda tão fortemente presentes na sociedade, por meio de uma narrativa libertária, com críticas a posturas antifeministas, ainda calcadas em uma visão patriarcal da realidade.

Paraíso, que não é paraíso, coloca em cena as falas de personagens mulheres, que, muitas vezes, passam por situações de subordinação perante um homem e suportam a violência em silêncio, por um longo período, até conseguirem ajuda. O abuso do padrasto sofrido pela personagem Ana, na adolescência; o estupro de Marieta pelos assaltantes e o espancamento de Rosa, pelo marido, exemplificam o que muitas mulheres passam ainda hoje.

A narrativa se movimenta a partir da personagem Ana, que depois de uma noite de bebedeira com a amiga e de ter acabado na cama de um rapaz desconhecido, precisa enfrentar o fato de que o homem era soropositivo. Os questionamentos da personagem, em relação à nova realidade que se descortina, emergem enquanto ela observa os detalhes que a cercam na casa do rapaz. Os detalhes descritos dão a tonalidade da angústia dos acontecimentos, simbolizando a vontade dela em tomar distância da descoberta da doença. Ambientando, desse modo, o desespero que se soma a cada detalhe observado no espaço junto as suas ações da noite anterior, as quais determinavam seu destino e a selaram em isolamento no Paraíso.

Após o choque inicial, a realidade dos acontecimentos toma forma no longo e violento tratamento com coquetel antirretroviral, sem saber se houve o contágio, porque essa informação só é precisa após o terceiro exame. Nesse percurso de medicamentos, junto à aflição e esperança de não ter contraído o vírus, a protagonista é levada a se questionar sobre a sensação de irresponsabilidade em suas ações: “tentava entender por que tinha bebido tanto, por que a casa dele, o sexo sem camisinha, sem conseguir aceitar a ausência de sentido por trás dos fatos” (LEVY, 2014, p. 11).

A preocupação pela espera do resultado desencadeia, no percurso da narrativa, memórias das quais a protagonista não desejava lembrar: “o medo de Ana não era apenas estar doente. Era também o medo do passado” (LEVY, 2014, p. 11). Esse passado são os fatos ocorridos com algumas personagens femininas, como o estupro da mãe e abusos sofridos por Ana nas mãos do padrasto. O enredo é construído por meio

do deslocamento na memória da protagonista, mecanismo que a desestabiliza e ao mesmo tempo a permite pensar na sua condição.

Essa relação da personagem com a própria memória nos remete ao que aponta Ricoeur (2010, p. 23): é “confiando à memória o destino das coisas passadas e à expectativa o das coisas futuras, pode-se incluir memória e expectativa num presente ampliado e dialetizado”. Esse presente caracteriza-se pelo conflito e confluência das memórias de acontecimentos que, de certa forma, traumatizaram a protagonista, e de anseios futuros em relação ao resultado do exame. Esse trânsito por meio das lembranças caracterizam a fragmentação temporal do romance e a tentativa da personagem se segregar e buscar (re)construir suas identidades, pois na trajetória dela se torna tangível que as lembranças fazem parte do que ela teme e também entre as quais ela precisa transitar para se reencontrar.

A essas memórias agrega-se a crença de Ana em uma maldição lançada por uma escrava nas mulheres de sua família. A história, contada por ela no livro que escrevia, leva-a a descobrir, mediante suas pesquisas, que a fazenda de café era onde ocorrera a maldição pertencera a sua família: “durante cinco gerações, as mulheres da sua família seriam infelizes no amor. Ana pertencia à última” (LEVY, 2014, p. 12). Desse modo, inicialmente a personagem acredita que o acontecimento recente, que a levara a se isolar, poderia ser consequência dessa maldição.

O paralelo estabelecido com a desgraça imposta pela escrava, junto ao contágio do vírus, tornam-se o escopo de seu isolamento, o que a fez entrar em um ônibus e se deslocar ao sítio Paraíso, onde fica em confinamento. Esse ato tem o intuito de amenizar o medo de ter contraído HIV e, também, representa uma tentativa falha de se afastar do passado, pois “precisava estar a sós com o medo” (LEVY, 2014, p. 15). O que percebemos, no decorrer da narrativa, é que o isolamento revela o passado para a personagem, não permitindo o distanciamento almejado por ela. Lúcia Zolin, em “Estratégias de subjetivação na ficção contemporânea de mulheres: exílio, migração, errância e outros deslocamentos”, pondera que

mais uma vez, o exílio voluntário, permeado de medo e solidão, é retratado na ficção contemporânea de mulheres como uma prática que remete à agência. A despeito de problemas de linguagem que o romance possa ter, face ao argumento histórico, como assinalam alguns críticos; ou relacionados ao fato de a escritora, sob certos olhares, retomar lugares-comuns, como o do idílio amoroso entre artistas no recanto paradisíaco, o tema da subjetivação da mulher é orquestrado em meio às memórias da personagem-escritora, afloradas em decorrência de sua condição exílica, escolhida como estratégia para dirimir os fantasmas que há cinco gerações assombram as mulheres de sua família (ZOLIN, 2018, p.8).

O refúgio no Paraíso, portanto, permite que ocorra um encontro de Ana com sua própria interioridade, suas angústias veladas, com o esquecimento falho, às violências vivenciadas por ela e pelas mulheres de sua família e pela própria escrava. Por isso, para se reencontrar, a personagem começa a escrever: “queria que a literatura salvasse não apenas a si e às mulheres da sua família, mas também aquela princesa que tivera a vida interrompida pelo capricho de uma senhora rica e mal amada” (LEVY, 2014, p.21).

O confinamento no sítio e a solidão frente a tudo a sua volta desenvolvem um sentimento de que a maldição imposta pela escrava era real, e que a espreitava: “ao longo dos vinte e oito dias em que quase não saíra de casa, enjoada e abatida, foi notando cada vez mais a presença da escrava. Ouvia o seu berro antes de ser coberta pela terra, o sopro da sua voz conta a minha história” (LEVY, 2014, p. 13). A transferência de seu medo a uma história relacionada ao passado, de sua família, caracteriza uma forma de fuga da realidade e sustenta a tentativa de justificar sua situação conflituosa, como resultado de um destino ditado pela maldição de uma escrava que sofrera nas mãos de seus antepassados.

O primeiro dia de confinamento preenche a protagonista com sentimentos de pânico, tristeza e solidão, há uma ambivalência de sentimentos que se misturam ao medo de não “conseguir passar dias isolada” e de provocarem o contrário do que desejava: desacelerar o tempo. Contudo, se sentia “feliz por estar ali” (LEVY, 2014, p. 16-17), pelo aconchego da casa e vista para a mata. Esse sentimento de bem-estar com o espaço oportuniza a existência de espaços híbridos, que em Paraíso é marcado pela mata e pela casa. Esses espaços estabelecem um contraste íntimo com a personagem, pois, em cada um deles, ela relaciona um sentimento diferente, apresentando uma “analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento” (BORGES FILHO, 2007, p. 40).

Mas o acolhimento encontrado no espaço possibilita que, durante os outros dias, Ana escreva sobre a história dos seus antepassados. A escrita transforma-se em um espaço de visibilidade que, por seu intermédio, pode ser ouvida a voz da escrava que jogou a maldição em sua família. É a voz que assombra Ana: a história da princesa que foi morta de forma tão cruel ao ser enterrada viva.

A narrativa de *Paraíso*, fragmenta-se quando perde a linearidade da história de Ana e das mulheres de sua família, contada por um narrador onisciente, que cede o espaço à narrativa da escrava, que, em primeira pessoa, conta as histórias daquelas atingidas pela maldição. A protagonista repugna o passado da família, afirmando que, “embora fosse descendente da sinhá, não seria cúmplice da crueldade da mulher que

obrigara outros escravos a enterrarem viva a amante do barão” (LEVY, 2014, p. 20-21). Diante desse posicionamento, percebe-se a importância representativa de diferentes perspectivas sociais, em que, no caso, temos a narrativa da escrava, mulher negra, e a de Ana, mulher branca.

Ana questiona-se acerca da concretização das maldições com as mulheres de sua família, as quais possuem trajetórias de vidas circunscritas de violência. O primeiro caso foi com Carolina, a filha caçula da Sinhá Mariana, ao se apaixonar e engravidar de José Eduardo, um escravo que, por ironia, é filho da escrava enterrada viva. O segundo caso é com Alice, que enfrentou uma vida sofrida e triste por se casar sem amor. Já a terceira maldição é através de Vera, presa por lutar pelo Partido Comunista e engravidar de um homem casado. Enquanto Lúcia é a mulher que representa a quarta geração e é infeliz devido à morte do marido, sendo a morte a maldição responsável por privá-la do homem que amava.

Conseqüentemente, a personagem também acredita que sofreria o mesmo destino. O estado de reclusão em que se encontra, em um ambiente que foge da vida urbana, envolvida pela natureza, “jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro” (SAID, 2003, p.7). O confinamento contradiz, assim, o objetivo de tentar aliviar o sofrimento, por entrever medo e insegurança na maldição que atingira as outras mulheres. *Paraíso*, conseqüentemente, é um romance que aborda a escrita de uma mulher responsável por narrar a história de diversas mulheres silenciadas, incumbida de quebrar e denunciar esse silêncio, expondo os “gritos” de suas personagens, enquanto enfrenta a sua própria história.

Levy traz à cena literária questionamentos acerca da violência doméstica que quebram com o paradigma do casamento idealizado. A agressão é abordada por meio da história da personagem Rosa, empregada doméstica do sítio no qual Ana se isolou durante alguns dias. Rosa é casada com Sérgio, homem de “vocação”, que “foi subindo dentro da própria igreja, até se tornar o braço-direito do pastor, que não fazia nada sem antes consultá-lo” (LEVY, 2014, p. 112). Sabemos que as instituições de poder constroem desde os primórdios os ideais identitários masculinos e femininos, e não diferente ocorre com Sérgio, um homem socialmente investido das características patriarcais esperadas dos papéis masculinos. Desempenha a aparência socialmente exigida dele, escondendo da sociedade algumas características, conforme vemos no seguinte excerto: “começou a beber, a fumar, enquanto ela [Rosa] escondia dos outros o que se passava dentro de casa. O pastor não podia descobrir que ele tinha se entregue ao álcool. Também não podia saber muitas outras coisas que Rosa guardava para si” (LEVY, 2014, p. 112).

O sofrimento da personagem se soma não apenas à necessidade de suportar o casamento com um alcoólatra, como, também, com às angústias resultantes dessa relação. É abandonada pelo marido, mas o aceita de volta e, com isso, passa a ser submetida a novas agressões físicas e morais, sempre aparecendo com uma marca diferente no corpo, por acreditar que era seu destino. Isso porque Rosa se caracteriza pelo estereótipo de mulher sacrifício, aquela que suporta tudo pela família e casamento, idealizando um sonho do matrimônio perfeito com um homem respeitado e religioso: “as marcas se espalhavam pelo rosto e os braços de Rosa. Os lábios estavam inchados” (LEVY, 2014, p. 121).

A vida da personagem representa a história de muitas mulheres que foram ensinadas desde a infância sobre as relações matrimoniais calçadas na subjugação. Simone Beauvoir deixa evidência disso no segundo volume de *O Segundo Sexo* (1967), no capítulo intitulado “A Moça”, quando fala que a menina passa a acreditar na magia de seu corpo e, por isso, em sua passividade. Por isso o título do romance e o nome do sítio carregam de ironia o romance: *Paraíso*, que revela as mazelas que as mulheres sofrem nas mãos do patriarcado.

O discurso do medo, da omissão e do silêncio se evidencia quando, ao ser instigada por Ana a denunciar o marido, Rosa se recusa firmemente: “Sua voz saiu com ímpeto, firme, Sérgio é meu marido, pai de minha filha, foi Deus quem escolheu, Ele que quis assim. E agradeço todos os dias a Ele – apontava o dedo para cima enquanto falava” (LEVY, 2014, p. 123). Observa-se, nesse trecho, que a religião atrelada ao construto social de casamento circunscreve as ações e justificam a relação e a necessidade da personagem em aceitar sua situação. E a narrativa apresenta a idealização do amor, que também corrobora para o silenciamento e a negação da personagem: “porque eu amo o meu marido e amo a Kelly”. Conforme aponta Beauvoir, as mulheres são “educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem” (1967, p.7). É o que acontece com Rosa; ela segue os padrões normais e aceita ser subordinada ao marido, por não ter outra opção.

Esse construto social também se apresenta em outros discursos da personagem, como vemos, por exemplo, no trecho: “Parou, respirou, engoliu o choro e, por último, antes de subir as escadas rumo à sua casa, perguntou com que cara eu ia dizer pra minha filha que o pai dela foi preso?” (Levy, 2014, p. 123). Aqui, o conceito de família e a necessidade de sustentá-la coesa corroboram para as escolhas da personagem em não denunciar o marido.

O abandono de sua subjetividade, individualidade e identidades pessoais, em favor da subjugação que sofre, caracteriza-se com a dominação masculina discutida por Pierre Bourdieu (2002, p. 150): “a unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível (e não só através do recurso à violência física)”. A violência simbólica, presente nas relações de poder, delineiam a resistência como algo extremamente difícil, pois está presente de forma quase imperceptível no seio da sociedade.

A protagonista, por sua vez, transforma-se em testemunha do silencioso sofrimento de Rosa: “demorou para fixar o olhar e perceber que ela estava chorando. Deslizou até o canto extremo do alpendre e pôde notar seu rosto inchado” (LEVY, 2014, p. 38). Contudo, ao contar história das mulheres da família e incluir Rosa, ela transforma o silêncio em narrativa e questiona as marcas no corpo de Rosa. Contudo, assim como é comum entre muitas mulheres que sofrem violência, por diferentes motivos, a personagem violentada busca desculpas para sustentar suas marcas: “[...] levei um tombo ontem à noite, estava escuro no jardim e tropecei” (LEVY, 2014, p. 121).

Esse discurso naturalizado na sociedade embasa grande parte da realidade de inúmeras mulheres que ainda hoje sofrem violência. A personagem Rosa representa uma realidade e Ana mostra o discurso igualmente naturalizado que tenta convencer a agredida a se defender: “Ana tentou ser didática, disse que milhares de mulheres são vítimas de violência doméstica, ela não era a única, e tinha que denunciá-lo. Então Rosa berrou não foi ele. Eu já disse pra senhora, caí ontem à noite. Sérgio é um homem bom” (LEVY, 2014, p. 122). No entanto, diversas pesquisas mostram que muitas mulheres que sofrem violência doméstica não conseguem se distanciar do agressor principalmente por questões econômicas (SOUZA e DA ROS, 2006).

Esses discursos vazios de verdades, mas repletos de violência, protagonizam a vida de diversas mulheres na sociedade, que se recusam a agir e a denunciar, aceitando seus destinos de mulher. Os estudos de Beauvoir contribuem para compreendermos o papel que Rosa desempenha na narrativa: “presa a seu papel de dona de casa, ela [a mulher] detém a expansão da existência, é obstáculo e negação” (BEAUVOIR, 1967, p. 37). Tornar-se consciente dessa violência ancestral, faz com que Ana se preencha de raiva, não por Sérgio, mas pelas próprias mulheres e por ela mesma: “No alpendre, senti a raiva crescer, não só pela evidência do acontecimento, mas também pelo que ela guardava consigo e agora subia pelo corpo, veloz, reativado. Uma raiva ancestral, por ela, pela mãe, pelas mulheres do romance” (LEVY, 2014, p. 121).

Resulta desses atos violentos e da recusa da personagem em denunciar o marido o desfecho trágico de Rosa ao ser esfaqueada por ele na presença da filha: “eram muitos

os cortes, tinha sido esfaqueada algumas vezes. O sangue também havia corrido pela boca, e o rosto ainda guardava as marcas roxas de antes” (LEVY, 2014, p. 158). Assim, a proposta da narrativa é evidenciar que a omissão, o silêncio e resignação não são opções quando se tratar de violência doméstica, pois carrega a tragédia como escopo da problemática.

Além da violência doméstica vivenciada no presente de Ana, em *Paraíso*, a narrativa se desloca através das memórias da protagonista. Quando a personagem não está escrevendo o seu romance acerca das histórias de sua família, ela lida com as recordações de sua infância relacionadas a assédios sofridos pelo padrasto, Raul: “queria que as informações chegassem ao outro sem ter que abrir a boca, ouvir a própria voz dizendo o que ela preferia que nunca tivesse acontecido” (LEVY, 2014, p. 57).

Percebe-se, nesse contexto, o desejo de ser ouvida, de que o abuso fosse notado por outras pessoas. Mas o que ocorre é a reverberação do silêncio e o massacre dos sentimentos subjugados frente a realidade enfrentada por ela. Isso ressalta a dura realidade de que a violência contra mulher ocorre, geralmente, no ambiente familiar e por pessoas próximas a vítima, tornando a denúncia algo ainda mais penoso.

O assédio sexual pelo padrasto ocorre, inicialmente, por meio de pequenos gestos carregados de intenções que punham a protagonista em alerta: “antes de trazer a mala para dentro de casa, Raul se jogou nos braços de Ana, que saudades disse, que saudades, repetiu” (LEVY, 2014, p. 58). Há tentativa de recuo e recusa do contato, mas é forçada a virar seu corpo para abraçá-lo, incapaz de impedi-lo.

Além das tentativas de contato indesejado, o padrasto a cercava por presentes, enquanto crescia o desejo íntimo de Ana ter forças para agir e “rasgar o silêncio”: “queria ter jogado o livro na cara dele, amassado o livro na cara dele, picado o livro na cara dele, cuspid o livro na cara dele” (LEVY, 2014, p. 61). A focalização da narrativa para os detalhes do assédio realça a denúncia da obra sobre o fato de que a violência ocorre à luz da família, bem debaixo dos olhos da mãe, das irmãs, e ainda assim incapazes de ver o sofrimento:

Depois, teria berrado filho da puta, é isso que você é, um filho da puta, e quando a mãe viesse socorrê-la, pensando que Ana havia surtado, ela iria olhar bem fundo nos seus olhos e dizer mãe, ele tentou me agarrar, o seu marido tentou me agarrar, e é por isso que ele está me dando esse livro, entendeu? Você acha que ele é um bom padrasto, né? Mas na verdade ele é um filho da puta. Só isso. Um filho da puta. E por fim iria implorar se separa dele, mãe, manda ele embora daqui. Mas não fez nada disso, e durante o jantar só ficou repetindo para si mesma que era fraca, se perguntando como podia manter um pacto de silêncio com aquele homem asqueroso, por que tanto medo? (LEVY, 2014, p. 61).

Ana apresentava, assim, um medo e uma aflição em relação à mãe, além de se sentir culpada pelos assédios do padrasto. A dificuldade da protagonista em dialogar com a mãe e exteriorizar sua angústia, remete-nos a ideia de que “nos dias de hoje, em que o diálogo entre as famílias parece ser mais aberto, certos assuntos ainda são tabu, ainda são difíceis de conversar” (DUTRA, 2016, p. 222).

Para possibilitar o desnudamento das violências ocorrida em *Paraíso*, os deslocamentos da memória alternam entre a vida presente e as fragmentações do passado, e por isso, para entendermos os fatos, o narrador constantemente retornar às origens, aos fatos ocorridos, junto aos sentimentos que permearam aquelas ações. Isso porque, o passado “nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora” (BERGSON, 2006, 47).

Não obstante, outras reminiscências do passado são recordadas por Ana, em relação à violência sexual sofrida pela mãe. Primeiro contam a ela que houve um assalto da qual a mãe saíra ilesa e os homens foram punidos. O que estava oculto nessa narrativa é verbalizado pela mãe à filha, que conta a ela sobre a violência sofrida. A imagem recordada se presentifica em Ana, enchendo-a de raiva e choque: “a violência podia ter acontecido com ela [mãe] havia anos, mas estava acontecendo com Ana naquele instante” (LEVY, 2014, p.130, grifo meu). Todo esse sentimento a torna incapaz de rasgar o silêncio: “lavei a boca com água sanitária, durante meses lavei a boca com água sanitária. E durante meses não consegui fazer sexo com o seu pai. Ana só pensava que tudo acontecera quando ela já existiu, tinha cinco anos, e não soubera de nada” (LEVY, 2014, p. 130).

Quando a mãe encerra o silêncio e verbaliza o abuso sofrido, a filha compreende a sua resistência em omitir o fato, pois tudo o que a mãe ansiava era afastar a memória indesejada. Carregando consigo o peso da história da mãe, a protagonista rasga o silêncio transformando-o em narrativa: “nunca consegui falar sobre isso, nunca consegui repetir as palavras que ouvira, nunca consegui dizer que sabia nem mesmo escrever sobre o assunto. Ana conseguiu” (LEVY, 2014, p. 131). Desse modo, a escrita funciona como uma forma de denúncia das dores sofridas pelas mulheres, mas também como uma forma de dar voz àquelas que foram violentadas e que não puderam expressar suas angústias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levy, em *Paraíso*, revela a importância de discutir a temática da violência. Independentemente de qual seja a idade, raça, classe social ou sexualidade, é de

fundamental importância desnudar a realidade, colocar em cena os tabus que circunscreve o abuso. A literatura de autoria feminina transforma-se em espaço onde se é capaz de quebrar o silêncio, “propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver” (RAGO, 1998, p. 17). Irrompem-se narrativas repletas de força, com personagens que tomam para si o discurso, a voz, o verbo, alçando seu lugar no Paraíso, descobrindo que “nenhuma vitória era melhor do que a da palavra dita” (LEVY, 2014, p. 154).

Essa relação com o espaço exterior em *Paraíso* se inverte quando a protagonista, Ana, se isola no sítio na ânsia de compreender suas próprias dores. Por meio dos deslocamentos empreendidos no âmbito da memória da protagonista, o sítio serve como pano de fundo para sua trajetória memorialística e torna-se cenário do problema da opressão à mulher. Portanto, o *Paraíso* que não é Paraíso, denuncia e questiona a dor da mulher violentada, expondo o construto social opressor masculino e gerando a narrativa da dor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2010.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1949.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**; textos escolhidos por Gilles Deleuze; Tradução: Carla Berliner - São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à toponálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 ed., 2002.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DUTRA, Paula Queiroz. O paraíso não é aqui: a violência contra mulher em Tatiana Salem Levy. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 48, p. 209-228, maio/ago. 2016.
- FONSÊCA, J. S. O espaço subalterno em Nélida Piñon. In: ZOLIN, L. O.; GOMES, C. M. (orgs.). **Deslocamentos da escritora brasileira**. Maringá: Eduem, 2011.
- LEVY, Tatiana Salem Levy. **Paraíso**. Rio de Janeiro: Fox, 2014.
- RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar. **Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis-SC: Editora das Mulheres, 1998.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 1. A intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003.
- SOUZA, Patrícia Alves de. DA ROS, Marco Aurélio. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527, 2006. Disponível em <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/17670/16234/0>> Acesso em 10. ago. 2020.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Estratégias de subjetificação na ficção contemporânea de mulheres: exílio, migração, errância e outros deslocamentos. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40(2), 2018. Disponível em < 10.4025/actascilangcult.v20i2.41656 > Acesso em 16. out. 2018.

Título em inglês:
ISOLATION AND VIOLENCE IN THE NOVEL *PARAÍSO*, BY
TATIANA SALEM LEVY

